

CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Libido



viver
mente&cérebro

ROGER KENNEDY

CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Libido

ROGER KENNEDY

Editor da série
Ivan Ward

viver
mente & cérebro

tt
Duetto


Relume Dumará

Ideas in Psychoanalysis – *Libido* foi publicado no Reino Unido em 2001 por Icon Books Ltd., The Old Dairy, Brook Rd, Thriplow, Cambridge SG8 7RG
Copyright do texto © 2001 Roger Kennedy

Conceitos da Psicanálise – *Libido* é uma co-edição da Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda. com a Relume Dumará Editora.

Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda.: Rua Cunha Gago, 412, 3º andar, São Paulo, SP, CEP 05421-001, telefone (11) 3039-5633.

Relume Dumará Editora: Rua Nova Jerusalém, 345, Bonsucesso, Rio de Janeiro, CEP 21042-235, telefone (21) 2564-6869.

Copyright da edição brasileira © 2005 Duetto Editorial

Indicação editorial

Alberto Schprejer (Relume Dumará Editora)

Coordenação editorial da série brasileira

Ana Cláudia Ferrari e Ana Luisa Astiz (Duetto Editorial)

Tradução e edição

Carlos Mendes Rosa

Revisão técnica

Paulo Schiller

Revisão

Elieíl Silveira Cunha

Capa

Foto de Mae West

Diagramação

Ana Maria Onofri

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

K43L Kennedy, Roger
Libido / Roger Kennedy ; tradução Carlos Mendes Rosa. - Rio de Janeiro : Relume Dumará : Ediouro ; São Paulo : Segmento-Duetto, 2005
(Conceitos da psicanálise ; v.9)

Tradução de: Ideas in psychoanalysis : Libido
ISBN 85-7316-435-2

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Klein, Melanie, 1882-1960. 3. Lacan, Jacques, 1901-1981. 4. Libido. 5. Psicanálise. I. Título. II. Série.

05-2537.

CDD 616.8583
CDU 616.89.-008.44

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

INTRODUÇÃO: A LIBIDO COMO CONCEITO TEÓRICO

Libido é o conceito de Sigmund Freud que designa o aspecto mental da energia sexual que está por trás das várias transformações dos impulsos sexuais. É um conceito teórico que, como veremos, foi elaborado em princípio para esclarecer as observações clínicas patológicas de pacientes neuróticos, em que as tensões sexuais associadas a idéias sexuais eram tidas como fundamentais no aparecimento da angústia e de outros sintomas. A libido ocupou um lugar cada vez mais importante na teoria freudiana do psiquismo e no seu desenvolvimento. Com o tempo, Freud passou a incluir observações de afecções mais psicóticas.

como a psicose maniaco-depressiva, a hipocondria e a paranóia.

O conceito de libido seria substituído pelo de Eros, ao qual foi incorporado, quando Freud introduziu uma teoria da sexualidade mais ampla e correlacionada com a filosofia da Antigüidade. Podemos encarar as mudanças teóricas de Freud como uma passagem da investigação das minúcias da vida sexual dos seus pacientes para a consideração do lugar fundamental da vida e da morte na condição humana.

Na teoria freudiana das pulsões sexuais, libido é um conceito tanto “quantitativo”, relativo à quantidade hipotética de energia sexual que motiva os impulsos sexuais, quanto “qualitativo”, uma vez que a libido diz respeito especificamente às pulsões sexuais. Não deve ser confundido com energia psíquica na acepção geral. Segundo Freud, a libido é

[...] uma força quantitativamente variável que poderia servir de medida dos processos e das transformações que ocorrem no âmbito da excitação sexual. Diferenciamos essa libido, por sua origem particular, da energia que se

supõe subjacente aos processos mentais em geral, e assim também lhe atribuímos um caráter qualitativo. [...] [Sua] produção, aumento ou diminuição e deslocamento devem apresentar-nos oportunidades de explicar os fenômenos psicosexuais observados.¹ (Freud, 1905)

A libido é, portanto, um recurso hipotético para medir os processos sexuais, uma unidade imaginária de mensuração quantitativa; é um conceito. É o que o psicanalista francês Jacques Lacan² descreveu como

Uma quantidade que não se sabe como medir, cuja natureza se desconhece, mas que sempre se presume existir. Essa noção quantitativa permite unificar a variação em resultados qualitativos e dá certa coerência ao modo pelo qual eles se sucedem [...] a noção de libido é uma forma de unificação no âmbito dos resultados psicanalíticos [...] seu uso se insere no escopo tradicional de toda e qualquer teoria, tendendo a terminar num mundo, o terminus ad quem [ponto final] da física clássica, ou num campo unitário, o ideal da física einsteiniana. Não estamos em posição de cotejar o nosso pobre e estreito campo de ação

*com o campo universal da física, mas a libido partilha do mesmo ideal.*³ (Lacan, 1978)

Temos aí o sentido de libido como quantidade teórica, que visa ajudar a explicar e dar coerência ao campo dos resultados psicanalíticos, em particular os relativos à sexualidade, ou, para ser mais preciso, o que Freud chamava de “psicossexualidade”, enfatizando o fato mental na vida sexual humana (Freud, 1910)⁴. Pode ser um conceito difícil de definir, pode ser imaginário e imensurável, mas ainda assim é um conceito hipotético necessário, do mesmo modo que gravidade e massa e tempo e espaço são conceitos hipotéticos sem os quais não se poderia desenvolver a física.

Freud discorre sobre a natureza da libido e outros conceitos hipotéticos no contexto teórico do seu ensaio “Os Instintos e Suas Vicissitudes” (1915). Ele defende a *idéia de* que, embora exista quase sempre a *suposição de* que as ciências devem fundar-se em *conceitos básicos* claros e bem definidos, na verdade *elas geralmente* partem de

conceitos bastante indefinidos a fim de apreender os fenômenos observáveis. Esses conceitos, como os de pulsão e libido, dizem mais respeito às convenções, embora

*[...] tudo dependa de não serem [as convenções] escolhidas arbitrariamente, mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos notar antes que as possamos reconhecer e determinar com clareza. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação somos capazes de formular os seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de modo que se tornem úteis e coerentes num terreno amplo.*⁵ (Freud, 1915)

Portanto, libido é um conceito teórico, ou uma “convenção”, que procura ajudar a dar sentido ao campo psicossexual, por mais vago e imensurável que seja. Representa um aspecto do pensamento de Freud, seu anseio de fazer da psicanálise um estudo organizado e até “científico” dos fenômenos psi-

cossexuais. Tal qual a idéia de pulsão, libido é um conceito científico “limítrofe” entre o mental e o somático; é uma entidade física, embora referente a fenômenos corporais.

Para Freud, a libido também tem relação com a natureza do amor e do desejo, ou com luxúria e desejo sexual, que é o significado de *libido* em latim. E aí Freud se afasta das considerações puramente científicas para dar atenção ao campo incerto das emoções humanas. Ele escreveu:

*Libido é uma expressão tomada da teoria das emoções. Demos esse nome à energia, vista como magnitude quantitativa (embora ainda não seja mensurável), daquelas pulsões relacionadas com tudo que a palavra “amor” pode abarcar.*⁶ (Freud, 1921)

Na linguagem comum, do mesmo modo que chamamos “apetite” o impulso de comer, podemos chamar de libido ou “apetite sexual” os impulsos sexuais. As pessoas dizem que a sua libido aumentou ou diminuiu, referindo-se ao seu interesse ou ins-

tinto sexual, ao seu desejo de ter relações sexuais, à acumulação de apetite e tensão sexual que precisam ser satisfeitos. Implica ou não amor por outra pessoa. Aliás, a libido de pessoas que têm dificuldade em se comprometer pode aumentar somente quando elas se encontram num relacionamento de curta duração. Com outras, só num relacionamento sério a sua libido aumenta a ponto de terem relações sexuais satisfatórias.

Por outro lado, como se pode ver em toda a literatura grega antiga, os impulsos sexuais podem levar as pessoas à loucura, tornando-as cegas ao que é bom para si e para os outros. A peça *As Traquinias*, de Sófocles, revela o poder do sexo de determinar o destino das personagens principais. Dejanira, até então uma mulher fiel e dedicada, torna-se assassina a contragosto, quando tenta dar um presente ao seu marido infiel, Hércules, para reconquistá-lo. Existe toda uma ode em coro em homenagem ao poder invencível do amor ou da luxúria, diante do qual até os Reis do paraíso, o mundo subterrâneo e o oceano devem curvar-se.⁷ Na *Antígona*, de Sófocles, um dos temas

principais é o poder de Eros. O coro canta que quem tem Eros é louco⁸; ele provoca várias mortes e torna Creonte, rei de Tebas, um homem arrasado, pois seu filho e sua mulher acabam se suicidando por causa do poder dele.

Vimos, então, que as idéias de Freud sobre a sexualidade são uma tentativa de criar um estudo científico da psicosexualidade e também noções mais gerais da emoção complexa que é o amor, as quais remontam à literatura antiga. A libido freudiana, como a do Eros grego, pode ser uma força cega que tira os seres humanos da racionalidade normal.

NADA DE LIBIDO, POR FAVOR! SOMOS BRITÂNICOS!

Nos primeiros anos da psicanálise, Freud usava a libido em sentido genérico para designar a energia hipotética dos impulsos sexuais, de um modo muito parecido com o que se usa hoje na linguagem diária, ainda que com várias alterações. Com a introdução do conceito de “narcisismo” em 1914, Freud passou a elaborar uma complexa teoria da libido e os seus

desdobramentos, que se tornaram essenciais para a sua visão conceitual. Em 1920, essa teoria da libido havia sido incorporada numa teoria ainda mais ampla da interação entre dois impulsos básicos na vida da mente: Eros, ou pulsões de vida, e Tânatos, ou pulsões de morte.

No momento oportuno, falarei de detalhes dessas teorias psicanalíticas diversas e da sua relação com o trabalho clínico. Antes disso, porém, apresentarei questões gerais a respeito do lugar da teoria da libido na psicanálise atual, especialmente na Grã-Bretanha, onde ela parece ter desaparecido por completo. Questionarei ao longo deste livro se esse desaparecimento levou consigo ou não elementos vitais do pensamento de Freud, empobrecendo a psicanálise, e se foi apenas um sinal de que a psicanálise deixou para trás uma teoria obsoleta, mais apropriada para as ciências físicas do século XIX.

A questão da pertinência do termo “libido” hoje em dia precisa ser analisada do ponto de vista da situação atual da teoria psicanalítica, cujo tema central deixou de ser a sexualidade para se tornar a teoria das relações

de objeto, que evidencia o desenvolvimento inicial da criança, antes que ela tenha uma sexualidade perceptível. Seu grande avanço em relação à teoria freudiana clássica foi a ênfase na importância da *relação* entre o indivíduo e o ambiente, particularmente a relação entre mãe e filho, em vez de se concentrar somente no mundo interno pessoal. Essa teoria descreve o

*[...] modo de relação do sujeito com o mundo; essa relação resulta por inteiro de uma organização particular da personalidade, de uma apreensão de objetos que é fantasiada de uma maneira ou de outra e de certos tipos específicos de defesa.*⁹ (Laplanche e Pontalis, 1967)

A teoria das relações de objeto volta-se tanto para o mundo interno do indivíduo como para o mundo dos outros. Preocupa-se com a relação do indivíduo com os seus objetos. No entanto, como assinala Gregorio Kohon:

Não é apenas a relação real com os outros que determina a vida do indivíduo, mas o modo específico como o indivi-

*duo apreende a sua relação com os seus objetos (internos e externos). Trata-se sempre de uma relação inconsciente com esses objetos.*¹⁰ (Kohon, 1986)

Enquanto a teoria das relações de objeto amplia o alcance da psicanálise – por exemplo, ao apontar para o vasto campo da observação e da pesquisa infantil, que pode fornecer novas informações e até a confirmação de idéias psicanalíticas –, a sexualidade parece ter perdido a importância fundamental que tinha na teoria e na prática da psicanálise. Em 1995, André Green chegou até a escrever um artigo perguntando se a sexualidade tinha ainda alguma relação com a psicanálise¹¹, pois havia praticamente desaparecido. Ele declara que as discussões específicas sobre sexualidade diminuíram nas apresentações clínicas e que a própria sexualidade foi marginalizada como conceito analítico importante, muito embora Freud a tenha situado no centro do desenvolvimento psíquico, da teoria analítica e do trabalho clínico. Green afirma que o destaque da moda para as relações de objeto, o desenvolvimento inicial, a

patologia *borderline* e as técnicas obtidas na observação de bebês ofuscam o significado e a importância da sexualidade na teoria e na prática psicanalítica. Mas ele argumenta que sem a idéia freudiana de libido, por exemplo, não podemos dar conta das variações, extensões, fixações, regressões, retardos, enredamentos e desembaraços do funcionamento e desenvolvimento psíquico.

Para Jacques Lacan, a libido é um elemento essencial da sexualidade e do seu estudo do inconsciente. Segundo ele, o que Freud tentou representar na função dessa libido não foi um modo de pensamento primitivo e generalizado, “como a sombra de um mundo antigo que sobrevivesse no nosso”, mas sim:

*A libido é a presença efetiva, como tal, do desejo. É o que ainda resta para indicar o desejo – que não é substância, mas existe no nível do processo primário e governa o próprio modo com que nos aproximamos.*¹² (Lacan, 1973)

Lacan sustenta que a libido é o elemento essencial do “processo primário”, o modo primordial

de funcionamento do inconsciente. Freud dividiu o funcionamento do aparelho psíquico em processo *primário* e processo *secundário*. No primeiro, a energia psíquica flui livremente de uma idéia para a outra, como nos sonhos, em que uma idéia pode ceder toda a sua energia a outra idéia, pelo processo de “deslocamento”, ou apossar-se da energia de várias outras idéias, pelo processo de “condensação”. No processo secundário, a energia psíquica é mais contida, menos móvel; equivale ao pensamento desperto, à capacidade crítica e ao raciocínio.¹³ Como o processo primário, a libido é para Lacan um fluxo livre que o processo secundário detém de vários modos, organiza e subjuga.

A depreciação do papel da sexualidade em favor das relações de objeto iniciais não só tem consequências teóricas, mas também influencia profundamente o que os psicanalistas vêem ou não vêem nos pacientes. Por exemplo, em vez de a histeria ser tida como um estado de conflito fundamental relativo a impulsos sexuais, ela é hoje mais definida como um estado em que os mecanismos de defe-

sa mantêm à distância ou sob controle angústias psicóticas primitivas. Como afirmou Kohon (1986, 1999)¹⁴, é fácil entender por que os psicanalistas dizem que não vêem histéricos no consultório. Os pacientes podem ser histéricos, mas a teoria, uma vez que procura outra coisa, encontra outra coisa. Assim, a dessexualização da teoria psicanalítica impõe à prática cotidiana conseqüências potencialmente graves.

Pode-se acrescentar que falta à teoria e à prática psicanalítica atual não só o sentido técnico do conceito teórico de libido, mas também o sentido comum da palavra. Tornou-se uma teoria assexuada. Talvez somente na psicanálise da França, com a influência intensa de Jacques Lacan no pensamento francês, sem mencionar o papel da cultura do país, tenha-se preservado a importância central da sexualidade. Para os britânicos em particular, “nada de libido, por favor” poderia tornar-se um lema da maior parte do trabalho psicanalítico.

Não queremos com isso negar a importância das relações iniciais na vida do indivíduo, mas

poderíamos questionar se a psicanálise não teria ido longe demais eliminando as pulsões e a sexualidade, esquecendo-se de que na realidade as pessoas trepam ou querem trepar ou não podem trepar quando querem!

Minha posição com relação a um termo como libido é que não defendo de coração a sua permanência, sobretudo sem que sejam feitas modificações e ampliações no lugar que o termo ocupa na teoria psicanalítica, que proporei no momento adequado. É difícil, no entanto, encontrar termos que transmitam a natureza animal das pulsões sexuais e ao mesmo tempo incorporem o elemento humano, abarcando sentimentos e desejos sexuais, assim como a grande transformação e complexidade das pulsões sexuais. Temos de incluir de algum modo as características de força, necessidade, urgência, ânsia de obter gratificação, que talvez venham a predominar na vida das pessoas. Embora o conceito de libido possa estar muito ligado a um modelo energético e “fluido”, mais apropriado para a hidráulica, ele consegue transmitir muito bem o caráter de apetite sexual e

as muitas variações desse apetite, sua multiplicidade de metas, com a capacidade de ser desviado e subdividido de diversas maneiras. Sustento também que a teoria da libido de Freud levanta muitas questões fundamentais relativas à natureza da nossa vida sexual – e da vida psíquica em geral – que têm sido ignoradas com grande frequência e seria bom rever. No mínimo, podemos entender a libido historicamente como elemento indissociável da teoria psíquica freudiana.

A seguir você encontra uma exposição histórica da teoria da libido de Freud, com várias interpretações do seu significado e importância segundo pensadores analíticos posteriores. A exposição implicará algumas sugestões de modificação da teoria à luz dos avanços subseqüentes, com a esperança de não privá-la dos elementos principais.

A PRIMEIRA TEORIA DA LIBIDO DE FREUD: O ELO PERDIDO

Vemos os primeiros passos da teoria da libido na correspondência de Freud e Fliess – uma série de

cartas fascinante, com alguns esboços teóricos, entre Freud e seu amigo íntimo Wilhelm Fliess, no período de 1887 a 1904, indo do nascimento aos primeiros avanços da psicanálise.

A primeira menção à libido aparece no “Rascunho E”, um esboço teórico talvez de junho de 1894, a respeito da origem da angústia na “neurose de angústia”, tipo de doença em que o paciente sofre de angústia crônica e excessiva, com sintomas somáticos como falta de ar, indigestão, dores cardíacas e alguns traços fóbicos. Freud diferenciou a neurose de angústia da histeria e da *neurastenia*, ou o que talvez chamemos hoje de “síndrome da fadiga crônica”. A teoria volta-se para a transformação da tensão sexual psíquica em angústia em razão de falha na descarga da tensão sexual por vias psíquicas e para a obstrução da elaboração psíquica da excitação sexual.

Freud reúne nesse rascunho uma série de casos em que a angústia tem origens diferentes. Há pessoas que sofrem de angústia por ser virgens; outras que optaram pela abstinência sexual e consideram

repugnante tudo que diga respeito ao sexo; mulheres que são menosprezadas pelo marido ou não se satisfazem por falta de potência; mulheres que não têm satisfação por praticarem o coito interrompido ou porque o marido sofre de ejaculação precoce; e ainda homens que recorrem à retirada do pênis ou a masturbação excessiva; homens cuja potência tem diminuído mas se forçam a ter relações; e homens que precisam abster-se de relações sexuais por causa de neurose. Freud pergunta como associar todos esses casos e sugere:

O que ocorre com todos eles é a abstinência. Ciente do fato de que até mulheres [sexualmente] insensíveis estão sujeitas a angústia após o coito interrompido, tem-se a propensão de dizer que se trata de uma questão de acumulação psíquica de excitação – ou seja, uma acumulação de tensão sexual psíquica. A acumulação é consequência da descarga impedida. Portanto, a neurose de angústia é uma neurose de contenção [...]. E uma vez que aquilo que se acumula não contém angústia alguma, pode-se também explicar o fato dizendo que a angústia

*aumentou por transformação da tensão sexual acumulada.*¹⁵ (Freud, 1985).

Mas, pergunta Freud, como ocorre essa transformação em angústia? Essa pergunta o preocupou ao longo de toda a vida, e ele apresentou várias explicações, conforme o estágio em que a sua teorização se encontrava, ainda que muitas das questões principais e boa parte da explanação se tenham conservado. Nessa fase inicial do seu pensamento, ele a considera uma questão de enfrentar uma tensão que se origina dentro do corpo (tensão “endógena”) – como o aumento da fome, da sede e da pulsão sexual – com reações específicas, que impedem nova excitação nos órgãos envolvidos. Podemos imaginar que essa tensão cresça contínua ou intermitentemente, mas só seja percebida quando chegue a determinado limite. Acima desse limite, propõe Freud, a tensão é distribuída psicicamente, de modo que

[...] relaciona-se com certo grupo de idéias, que então começam a produzir soluções específicas. Assim, a

*tensão sexual psíquica acima de certo valor aumenta a libido psíquica, que por sua vez leva ao coito e assim por diante.*¹⁶

Até aí existe coerência com o entendimento comum de que a libido é uma acumulação de tensão que impõe uma liberação por uma reação específica – por exemplo, coito ou masturbação. Mas, se a ação não ocorrer, a tensão e a emoção sexual, ou *afeto*, aumentam de forma rápida e premente:

[A tensão] torna-se incômoda, mas ainda não há fundamento para a sua transformação. Na neurose de angústia, no entanto, tal transformação ocorre, o que sugere a idéia de que aí as coisas dão errado da seguinte maneira. A tensão psíquica aumenta, atinge o valor máximo em que pode provocar o afeto psíquico. Contudo, por várias razões, a ligação psíquica a ela oferecida continua insuficiente: não se forma um afeto sexual, porque falta algo aos fatores psíquicos. Por conseguinte, a tensão física, não tendo restrição psíquica, transforma-se em angústia. Se se aceita a teoria até aqui,

*deve-se insistir em que na neurose de angústia precisa existir uma deficiência perceptível no afeto sexual, na libido psíquica. E isso é confirmado por observação. Quando se apresenta esse argumento a pacientes do sexo feminino, elas ficam sempre indignadas e declaram que, ao contrário, agora não têm desejo algum, e afirmações parecidas. Os homens frequentemente confirmam a observação de que não sentiram desejo sexual desde que passaram a sofrer de angústia.*¹⁷

Assim, o problema da neurose de ansiedade é de insuficiência ou falta de ligação psíquica, que pode se transformar em afeto pelo que Freud chama nessa altura de “elaboração psíquica”. Na vida cotidiana, a tensão sexual encontra escape pela ação, como no coito. Mas, se não houver constantemente uma saída para a liberação da tensão, os pacientes com problemas na elaboração da tensão sexual terão angústia. Esse trabalho psíquico normalmente consegue controlar a tensão de forma apropriada e sem provocar sintomas físicos. Contudo, quando essa elaboração não acontece, aparecem os sintomas físicos.

Embora nessa fase os conceitos de Freud ainda estivessem em desenvolvimento, conservou-se de várias maneiras a maior parte da sua explicação para a transformação da tensão psíquica sexual em angústia, pela falta dos processos de ligação normais na mente. A técnica básica da psicanálise, de tentar encontrar palavras para sentimentos perturbadores, passou a apresentar ligações onde não existiam. Desse ponto em diante, a teoria por trás da prática se tornou cada vez mais rebuscada e reelaborada, mas a sua base clínica se preservou.

ELABORAÇÃO DA TEORIA DA LIBIDO: A LIBIDO REPRESADA

O livro de Freud *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) constitui, junto com *A Interpretação dos Sonhos* (1900), sua contribuição mais original para o conhecimento humano. Entretanto, os ensaios são um tanto difíceis de digerir porque, na forma em que são lidos hoje, contêm muitos acréscimos e revisões, uma série de intervenções diferentes acrescida ao texto original. Ainda assim, os princípios da teoria psicanalítica

estão todos lá, e o papel primordial da sexualidade na vida do ser humano e a teoria da libido em especial têm lugar de destaque nessa investigação. Anos mais tarde, na quarta edição do livro, escrita em 1920, Freud afirma que, apesar das mudanças no pensamento psicanalítico, as descobertas básicas dos três ensaios continuam intactas, não obstante as tentativas de alguns de

*[...] abandoná-[las] e adotar ideias novas com a intenção de mais uma vez restringir o papel desempenhado pelo fator da sexualidade na vida sexual normal e patológica.*¹⁸

Seu primeiro ensaio ocupa-se das observações sobre as “aberrações” sexuais, sobretudo perversões de vários tipos, assim como com observações de pacientes homossexuais e neuróticos. O segundo ensaio trata da sexualidade infantil, e o terceiro abrange as transformações da puberdade. Devido à complexidade do texto, vou me limitar a selecionar alguns temas relevantes.

No todo, o que transparece no livro é a tentativa de apreender a grande variedade da vida sexual,

o lugar dos elementos biológicos na vida sexual do indivíduo, os muitos alvos dos impulsos sexuais, a plasticidade, a fluidez e a complexidade dos desejos sexuais e o modo precário com que a organização sexual se unifica de vários elementos desconexos. A vida sexual normal consistiria em vários elementos potencialmente perversos, com a ocorrência de perversão quando um desses elementos começa a predominar sobre os outros.

Mostra-se que a libido, termo introduzido para designar como que um apetite sexual, circula de várias maneiras, muda de um objeto para o outro com aparente facilidade, como, poderíamos acrescentar, o processo primário. Mostra-se que ela tem origem em muitas partes diferentes do corpo e que é uma fonte primordial de angústia e de sintomas em pacientes neuróticos. Mostra-se que a libido passa por um longo período de desenvolvimento, com muitas paradas, donde as muitas possibilidades de o desenvolvimento sofrer interferências.

Contudo, quando a libido não consegue ser satisfeita, pode comportar-se

*[...] como um córrego cujo leito principal tenha sido obstruído. Ela se põe a encher canais colaterais que até então estavam vazios.*¹⁹

Esses “canais colaterais” tornam-se fonte de tendências perversas variadas em pacientes neuróticos. Interessante notar que as páginas de pornografia na internet são categorizadas mais ou menos conforme esses canais colaterais. As práticas sexuais que fazem parte da vida sexual normal quando não muito frequentes – como o uso da boca, do ânus, do toque e do espiar e alguns elementos de sadismo e masoquismo – podem passar a predominar na vida sexual em detrimento de todo o resto, como se o canal colateral suplantasse o curso principal e dominasse o indivíduo de uma forma tirânica, apoderando-se da vida sexual dele e impossibilitando as relações normais. É como se um “sítio” (na internet ou no corpo) viesse a dominar a vida sexual do indivíduo. Diz-se que a libido dele “fixou-se” em um estágio particular do desenvolvimento – o momento, por assim dizer, em que ocorreu o desvio da corrente principal da libido.

Em outra obra, Freud dá um exemplo vivo dessa fixação como causadora do fetichismo por pés. O paciente era um homem que

[...] é hoje muito indiferente aos genitais e a outros atrativos das mulheres, mas que pode ser levado a uma excitação sexual irresistível por um pé de um formato particular usando um calçado. Ele se recorda de uma ocasião quando tinha 6 anos que foi decisiva para a fixação da sua libido. Ele estava sentado em uma banqueta ao lado da sua professora particular, que lhe passaria lições de inglês. A professora, que era uma solteirona mais idosa, magra, de aparência comum, de olhos azul-claros e nariz arrebitado, tinha algum problema com o pé naquele dia, e por isso usava um chinelo de veludo e o deixava estendido sobre uma almofada. A perna dela estava coberta com todo o decoro. Um pé magro e áspero, igual àquele da sua professora particular, desde então se tornou seu único objeto sexual (depois de uma tentativa tímida de atividade sexual normal na puberdade). E o homem sentia uma atração irresistível quando um pé desse tipo tivesse outras ca-

*racterísticas além daquelas que faziam lembrar o tipo da professora de inglês.*²⁰

A fixação da libido dele era a causa do seu fetichismo por pés. Pode-se acrescentar aqui que a fixação desse paciente inseria-se no contexto de uma forma particular de relação de objeto, o “tipo” da professora particular de inglês, alguém que obviamente representava um dos pais. É também provável ter havido particularidades da sua criação que foram projetadas na professora naquele momento específico, fazendo a libido dele particularmente suscetível à fixação.

Essas fixações em razão de cenas da infância de vários tipos não são incomuns nessas e em outras perversões, embora se possa acrescentar que não é muito fácil localizar uma cena que seja o fator principal da perversão. Geralmente um conjunto de fatores intrincados – tanto na família quanto no indivíduo – se manifesta na perversão e na neurose, muitos deles obscuros e quase sempre com um ou mais episódios traumáticos. Há uma interação complexa

entre a personalidade ou constituição do indivíduo e o ambiente externo, interação essa que forma a história dele.

No ensaio de 1912 de Freud sobre os tipos de desencadeamento da neurose, ele tenta esclarecer algumas dessas ambigüidades traçando as mudanças relativas à libido do indivíduo que provocam o surgimento da doença neurótica. Seu objetivo no ensaio é

[...] demonstrar que a tendência neurótica encontra-se na história do desenvolvimento da libido e localizar os fatores operantes desse desenvolvimento nas variedades inatas da constituição sexual e nas influências do mundo externo vivenciadas na primeira infância.²¹

Vários fatores são citados como causas do início de uma neurose. O primeiro é a “frustração” provocada por um obstáculo externo e/ou um obstáculo interno. No caso do obstáculo externo, o indivíduo é sadio desde que a sua necessidade de amor seja satisfeita por um objeto real no mundo externo. Mas,

quando o objeto é perdido ou retirado e não há substituto, pode sobrevir a doença. Nesse tipo, ao qual, acrescenta Freud, pertence a maioria das pessoas, a possibilidade de contrair doença só surge quando existe abstinência. A frustração tem um efeito patogênico porque “represa” a libido, aumentando a tensão sexual. O indivíduo pode manter-se saudável se conseguir transformar essa tensão em energia ativa e encontrar um modo de voltar a satisfazer sua libido, descobrindo, por exemplo, um substituto para o objeto de amor perdido. Ou então, como Alberich no ciclo *O Anel dos Nibelungos*, de Wagner, que renunciou ao amor a fim de roubar o ouro das sereias, ele pode renunciar à satisfação da libido, “sublimando a libido represada e dirigindo-a para a consecução de objetivos que não mais são eróticos e esquivam-se da frustração”²².

Se for persistente, a frustração pode trazer à tona fatores da personalidade até então dormentes. A pessoa talvez comece a se afastar da realidade e a se sentir atraída pelo mundo da fantasia, criando novas estruturas de desejo que revivam traços de ele-

mentos mais primitivos, especialmente infantis. O excesso de fantasia pode fazer a libido retroceder, provocando uma “regressão” num sentido infantil. O conflito entre a conduta presente do indivíduo e esses elementos infantis pode precipitar uma doença neurótica.

A frustração devida a fatores internos provém de elementos do desenvolvimento anterior – em particular fixações anteriores da libido, que causam em certo ponto da vida uma dificuldade de adaptação do indivíduo a exigências da realidade. Freud dá exemplos dos tipos de situação a que se refere. Entre eles:

Um jovem que até então satisfizera sua libido com fantasias que terminavam em masturbação e hoje procura substituir um regime que se aproxima do auto-erotismo pela escolha de um objeto real – ou uma garota que deu todo o seu afeto ao pai ou irmão e agora deve permitir, em nome do homem que a tem cortejado, que seus desejos libidinosos incestuosos até aqui inconscientes se tornem conscientes – ou uma

*mulher casada que gostaria de renunciar a suas inclinações e fantasias polígamas de prostituição a fim de se tornar uma consorte fiel para o seu marido e uma mãe perfeita para o seu filho.*²³

Todas essas pessoas podem adoecer se as fixações anteriores da libido forem poderosas a ponto de lhes dominar a vida, em particular se, como com o primeiro tipo de frustração, elas enfrentarem um obstáculo externo, como uma perda. Além do mais, alguns indivíduos continuam permanentemente “inibidos” no desenvolvimento; sua libido não consegue abandonar essas fixações infantis primordiais.

Freud acrescenta um último exemplo de gente que parece adoecer espontaneamente depois de ter sido saudável a vida toda. Um exame mais aprofundado desses casos revela, porém, que com efeito ocorreu uma mudança nas pessoas, a qual tem relação com o fato de elas terem chegado a um período determinado da vida, como a puberdade ou a menopausa, em que entram em jogo processos biológicos. Então, a

[...] quantidade de libido na sua economia mental passou por um aumento que em si é suficiente para perturbar o equilíbrio da sua saúde e criar as condições necessárias para uma neurose.²⁴

Essa situação é bastante típica de adolescentes que têm uma crise nervosa na puberdade ou próximo dela ou mostram pela primeira vez sinais de perturbação nessa fase. A vida anterior deles pode parecer ter sido relativamente normal, ou pelo menos não ter tido nenhuma perturbação manifesta. Entretanto, é o poderoso afloramento de desejos sexuais e a tentativa de conviver com eles que se tornam a força motriz do turbilhão da adolescência. Lembrando o tema da literatura grega, Eros pode levar o adolescente à loucura.

Darei um breve exemplo tirado da análise de um adolescente. “Simon” foi fazer análise aos 17 anos, depois de ter tentado o suicídio. Desesperado e deprimido, ele havia ido a um parque, onde cortara os pulsos com uma lâmina, procurando perfurar uma artéria. Depois ele disse que a dor do corte

o levava a desistir. Ele tinha feito outra tentativa de cortar uma artéria um ano antes. O primeiro sinal evidente de perturbação surgiu aos 13 anos, quando ele provavelmente tentou sufocar-se com um saco plástico.

A análise conseguiu reunir informações de que, antes de se cortar, Simon se sentira deprimido e imprestável física e sexualmente por ter sido rejeitado por uma garota de que ele gostava. Da puberdade em diante, ele também se sentiu muito perturbado com desejos e fantasias sexuais. Com relação a suas ansiedades sexuais, Simon referiu-se a um intenso ódio por si mesmo, em particular ódio pelo próprio corpo e um desejo de rejeitá-lo, pois não o achava muito masculino. Ele às vezes ansiava por outro corpo. Sua infância não foi marcada por nenhuma perturbação especial, embora a mãe sempre tivesse propensão a infantilizá-lo, chamando-o de “garotinho lindo”, enquanto o pai era uma figura bem distante e isolada, deprimido e inacessível.

Um dos assuntos principais da análise foi a ameaça representada pela emergência dos desejos sexuais

na puberdade, que precipitou a primeira aparição dos sintomas. Em seguida ele começou a agredir o próprio corpo em transformação cortando-se, em parte tentando agarrar-se à velha imagem do corpo imaturo. Fizemos um trabalho terapêutico significativo concentrando-nos na interação dinâmica entre o desejo de Simon de não crescer e a sua necessidade de aceitar a realidade do seu corpo que amadurecia, além de passar a lidar melhor com os seus desejos sexuais, ou a quantidade de libido que o motivava.

O represamento da libido é para Freud um fator primordial na constituição de uma neurose, que pode abrir caminho para a regressão, provocando conflito e neurose. No caso de Simon, pode-se concluir que o represamento dê vazão aos seus desejos de regressão para continuar a ser criança e atacar o próprio corpo que amadurece. Freud acrescenta que isso nos faz lembrar que o fator quantitativo não deve ser ignorado em nenhuma consideração das causas que precipitam as doenças e que todos os outros fatores – frustração, fixação e inibição do desenvolvimento – permanecem ineficazes, a menos que

[...] eles afetem certa quantidade de libido e provoquem um represamento da libido em determinado nível. É verdade que não temos capacidade de medir essa quantidade de libido que nos parece indispensável para ter um efeito patogênico. Podemos tão-somente postulá-la depois que a doença resultante se instalar.²⁵

Uma vez mais, vemos como é crucial para Freud a ênfase no papel da quantidade de libido na criação de condições para o aparecimento de uma neurose. O represamento da libido implica a abertura de canais colaterais na mente, particularmente de canais que em essência haviam sido fechados na infância.

Se essa é uma descrição viva do que pode ocorrer quando surge uma neurose, pode-se perguntar se ela deve ser entendida ao pé da letra ou se é em parte uma metáfora. Não há dúvida de que Freud era um homem típico do seu tempo, quando os princípios gerais das ciências físicas eram considerados a base da psicologia. Para dar respeitabilidade e credibilidade a uma teoria do funcionamento mental, era necessário fazer correlações com conceitos

científicos básicos, como o da quantidade de energia. Na verdade, essa necessidade de credibilidade científica persiste em grande medida até hoje. No entanto, também se pode perguntar se usar o conceito de quantidades hipotéticas de libido não como metáfora não seria levar longe demais o desejo de credibilidade científica, ainda mais porque Freud reconhecia que elas eram imensuráveis. Por que, afinal, recorrer à libido se ela não passa de um conceito quantitativo hipotético? Perderíamos alguma coisa se deixássemos de usá-la?

Pelas incertezas quanto ao *status* da libido, é fácil vermos por que ela caiu em desuso numa época em que a psicanálise está sob ataque constante por não ser científica ou, pior ainda, por ser pseudocientífica. Deve-se frisar, contudo, que a libido tem um papel crucial na teoria de Freud, ao menos na fase inicial e intermediária do seu pensamento. Tem o seu lugar como termo-chave, ou significante, na rede dos outros significantes. Desconsiderá-lo é o mesmo que alterar o significado de todos os outros termos que ele usa. E também, como veremos, tornaria ininteligível a expli-

cação do papel do narcisismo no desenvolvimento da teoria de Freud. Todavia, ainda podemos perguntar: esse motivo é suficiente para manter o termo? Seu uso tem apenas interesse histórico? Ou talvez seja melhor vê-lo como um recurso útil, até metafórico, para se referir à experiência da vida sexual de um modo que faça sentido e também tenha ligação com o seu uso na linguagem da vida cotidiana.

DESENVOLVIMENTO DA LIBIDO: FASES NA TRAJETÓRIA DA VIDA

Mencionamos o fato de que a libido se desenvolve e de que pode haver regressões para etapas anteriores do desenvolvimento na irrupção de uma doença neurótica. Nas primeiras edições dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud enfatiza a sua descoberta da sexualidade infantil. Esse conceito apareceu porque as lembranças e as associações surgidas na análise de adultos costumavam reportar aos primeiros anos da infância. Mais tarde, como por exemplo no estudo do caso do menino Hans em 1909, e ainda por meio da

observação direta de analistas infantis, houve certa confirmação dessa teoria. A sexualidade infantil se manifesta bem antes de os órgãos genitais predominarem na vida sexual – ou seja, é um elemento importante da “organização pré-genital” da libido. Essa sexualidade diz respeito a partes do corpo, ou o que Freud chamava de “zonas erógenas”, que podem se tornar local de excitações prazerosas. Tais zonas podem ser qualquer parte da pele ou da membrana mucosa capaz de constituir fonte de prazer. A criança atravessa etapas que se sobrepõem, nas quais, uma após a outra, uma zona erógena predomina a princípio e depois é suplantada por outra zona principal.

Na fase oral, chupar o polegar é uma das mais precoces manifestações sexuais da infância, com a qual a criança busca prazer e consolo. É uma espécie de substituto do prazer intenso anterior de sugar o seio da mãe. Freud descreve, assim, uma sexualidade oral nessa etapa do desenvolvimento. Ele também descreve em seguida a atividade da zona anal como fonte de prazer.

*As crianças que fazem uso da suscetibilidade à estimulação erógena da zona anal se denunciam ao segurar as fezes até que a sua acumulação provoque contrações musculares violentas e, à medida que passem pelo ânus, sejam capazes de produzir uma forte estimulação na membrana mucosa. Fazendo assim, devem provocar em si não só dor, mas também sensações de prazer intenso.*²⁶ (Freud, 1905)

No entanto, só aos poucos a libido foi sendo descrita na teoria de Freud como uma série de fases sucessivas, embora sobrepostas – as famosas fases oral, anal, fálica e genital. Na edição original de 1905 dos *Três Ensaios*, Freud simplesmente descreveu uma fase “auto-erótica” (antes de ter ocorrido a escolha de objeto), na qual a criança obtém prazer somente com partes do próprio corpo, como por meio de sucção ou masturbação.

É importante frisar aqui que para Freud a questão do desenvolvimento é complexa – fato que quase sempre se ignora. Não se trata apenas de uma seqüência de etapas. O desenvolvimento, para

Freud, não é um modelo linear simples, em que uma fase sucede claramente à outra, mas um modelo complexo, com uma interação constante entre o passado e o presente e com a mente reordenando constantemente as experiências passadas à luz das circunstâncias presentes.

Existe nesse modelo o que se poderia chamar de dois tipos de história – a história dos acontecimentos e a história das camadas. A história dos acontecimentos é o tipo tradicional de história, na forma de narrativa linear, com um acontecimento seguindo-se ao outro numa linearidade temporal. A história das camadas requer que se veja a história como uma sucessão de camadas mutáveis, como fragmentos da realidade viva, na qual, como no inconsciente, as distinções entre o passado e o presente podem ser mescladas. Durante uma análise, talvez aflorem associações provenientes de muitas camadas diferentes. É uma função importante do trabalho clínico colocar as associações numa espécie de narrativa linear compreensível – a história factual –, o que diz respeito ao processo secundá-

rio. Todavia, a história das camadas é a principal geradora de novas correlações e significados, pois algumas das camadas da mente seguem-se imediatamente às outras no tempo, enquanto outras ainda se fundem e outras sobressaem em isolamento aparente. O indivíduo humano é capaz de reter elementos de muitas camadas diferentes.

Vê-se um exemplo disso numa sessão de uma paciente minha que estava perto do fim da análise. Ela viera a mim por causa de sintomas de angústia e sentia dificuldade de ter um contato afetivo consigo e com os seus filhos. Uma sessão no meio da semana começou com dois sonhos. No primeiro, segunda e terça-feira passaram a ser um só dia, sem intervalo. Havia comida por perto, mas ela achou que não estava muito boa. Suas associações imediatas foram de que isso indicava a sua atitude de evitar tudo que fosse um oferecimento e de esquecer o que se oferecia durante os intervalos na análise.

No segundo sonho, eu apareci e lhe disse que devia estar agradecida por eu ser tão tolerante com ela. Depois eu lhe dei algo, uma chave ou uma conta. Ela

então se agarrou ao meu dedo. Suas associações foram com os seus sentimentos de dificuldade em lidar com os intervalos entre as sessões e o seu medo de que, com o iminente término da análise, *tudo* viesse a terminar.

Na sessão, exploramos o nível de desenvolvimento oral inicial dela, correspondente ao seu lado carente, dependente, uma área com a qual ela tivera dificuldade considerável. Ela respondeu que sentia com frequência que as coisas lhe fugiam; sua mente parecia uma peneira pela qual passava tudo que tinha valor; mas agora, subitamente, ela percebia o dano causado ao criticar a si mesma e aos outros com tanta severidade. Lembrou-se de momentos da infância em que era constantemente autodestrutiva dessa forma. Isso levou a um reconhecimento da raiva que ela sentia por ser deixada por mim. Então ela conseguiu admitir que conseguira coisas positivas na análise, ou seja, que tratamos de outros níveis no que fizemos, não só do nível oral carente inicial. Por exemplo, ela fez uma associação livre de que o meu dedo indicador no

sonho deu a sensação de ser algo a que ela tentava se agarrar; ela segurou o meu dedo por medo de ser largada, mas também por ser algo útil. Nessa altura, ela pôde então me ver separado dela, e não misturado à sua fantasia comigo, como acontecera antes. Acrescentou que a cena lembrava também a pintura de Michelangelo em que Deus toca o dedo de Adão, de modo que existia a possibilidade de haver algo criativo entre nós.

Pode-se dizer que com ela havia assuntos de algumas camadas diferentes da sua mente. O problema para ela era querer que estivessem perfeitamente ordenados e indexados, em vez de deixar que aflorassem espontaneamente. O trabalho da análise, até o final, girou bastante em torno da tentativa de enfrentar a rigidez dos processos seletivos dela.

Marcel Proust faz uma descrição da personalidade humana que capta muito bem o que queremos dizer com recuperar camadas do passado:

Uma coisa que vimos, um livro que lemos em certa época não permanece simplesmente associado para sempre

ao que então existia à nossa volta; permanece também fielmente ligado ao que nós mesmos éramos então e, portanto, só pode ser tratado pela sensibilidade, pela personalidade que era então nossa [...]. De modo que a minha personalidade hoje pode ser comparada com uma pedreira abandonada, que pressupõe que tudo que ela contém seja uniforme e monótono, mas da qual a memória, selecionando aqui e ali, pode, como um escultor grego, extrair inúmeras estátuas.²⁷

A base da visão complexa de Freud do desenvolvimento humano pode ser conhecida já na correspondência dele com Fliess, na qual, em 1896, Freud descreveu como os vestígios da memória se reordenam constantemente de acordo com as novas circunstâncias, processo que ele denominou de “retranscrição”²⁸.

Um ano depois, ele descreve o papel da “posterioridade”, *Nachträglichkeit*, na qual as lembranças e experiências antigas são revistas e reordenadas em data posterior a fim de se coadunarem com as novas experiências ou com novas fases de desenvolvimento. No

ensaio de 1899 sobre as “Lembranças Encobridoras”, Freud questiona se

[...] temos alguma lembrança da nossa infância: as lembranças relativas à nossa infância talvez sejam tudo que possuímos. As lembranças da nossa infância nos mostram os nossos primeiros anos não como eram, mas como aparentaram ser nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças da infância não [...] afloraram; elas foram formadas nessa época.²⁹

Só alguns anos depois Freud voltou a essa idéia no caso do “Homem dos Lobos”, em que ele enfatizou: como uma cena do início da vida pode tornar-se traumática mais tarde e como a *Nachträglichkeit* tem por efeito fazer o paciente desconsiderar o tempo. Freud escreve sobre o Homem dos Lobos:

Com a idade de um ano e meio, a criança recebe uma impressão à qual ela não é capaz de reagir adequadamente; é capaz apenas de entendê-la e de se comover

*com ela quando a impressão é revivida nela aos 4 anos; e só 20 anos mais tarde, durante a análise, ela é capaz de apreender, por meio dos seus processos mentais conscientes, o que lhe aconteceu na época. O paciente desconsidera compreensivelmente os três períodos e põe o seu ego presente na situação que passou há tanto tempo.*³⁰ (Freud, 1918)

Assim, o conceito psicanalítico de desenvolvimento não se refere apenas aos processos que abrangem um tempo linear, mas também a uma modalidade diferente de tempo – o tempo psíquico –, em que passado e presente são reorganizados constantemente pelo ser humano. Além do mais, podemos dizer que a vida sexual está presa a um tipo especial de temporalidade, pois as pulsões sexuais passam pelo que Freud denominou de desenvolvimento “difásico”³¹. Ou seja, o início do desenvolvimento sexual nos seres humanos ocorre em duas fases – o período da infância, seguido do chamado “período de latência”, no qual os desejos sexuais esmorecem até ressurgirem na puberdade. As questões sexuais

da infância podem então ser reorganizadas à luz do período subsequente da puberdade, que envolve uma reelaboração do que ocorreu antes. Essa reelaboração na adolescência talvez permita a solução de conflitos anteriores, fazendo da adolescência um período em que o indivíduo pode ter uma “segunda oportunidade” para lidar com o passado.

Lacan ressaltou que as fases do desenvolvimento da libido estão ligadas à história do indivíduo. As chamadas fases devem ser entendidas no contexto da tentativa da criança em desenvolvimento de se inserir na família e na estrutura social e devem também ser entendidas no contexto da reorganização subsequente da memória pelo adulto. As fases podem ser vistas como nódulos ou pontos críticos nas tentativas da pessoa de reconhecer a sua história.

*Desse modo, toda fixação numa assim chamada fase pulsional é acima de tudo uma cicatriz histórica: uma página vergonhosa que é esquecida ou desfeita, ou uma página gloriosa que instiga.*³² (Lacan, 1966)

Além do mais, escreve Lacan, essas fases já estão organizadas na subjetividade, ou seja, numa estrutura simbólica que abarca as relações entre indivíduos; mesmo antes de nascer, a criança ocupa um lugar na mente dos pais, provavelmente tem até um nome. Existe uma história da família, uma organização em que ela terá de se encaixar, ou não.

E, para dizer claramente, a subjetividade da criança que registra vitórias e derrotas na crônica heróica do treinamento do esfíncter, apreciando a sexualização imaginária do seu orifício fecal, transformando a expulsão de excrementos em agressão, a retenção em sedução e os movimentos de liberação em símbolos – essa subjetividade não é fundamentalmente diferente da subjetividade do psicanalista que, a fim de entendê-la, tenta reconstituir as formas de amor que ele denomina pré-genitais [...]. Dizendo de outro modo, a fase anal, ao ser realmente vivida, não é menos puramente histórica que ao ser reconstituída no pensamento, nem menos puramente fundada na intersubjetividade. Por outro lado, entendê-la como simples fase de uma maturação

*pulsional faz até as melhores cabeças seguirem pelo caminho errado.*³³

Melanie Klein tornou ainda mais complexa a compreensão dessas fases ao reelaborar o conceito de “fase de desenvolvimento”, denominando-o “posição”³⁴. Uma posição, como a esquizoparanóide e a depressiva, é uma organização de defesas, fantasias, relações de objeto, angústias: é um espaço mental em que o indivíduo pode localizar-se em qualquer momento da vida. A pessoa pode entrar nas posições e sair delas por toda a vida. Mantém-se, por exemplo, o potencial de reviver angústias psicóticas do início do desenvolvimento; essas angústias não são simplesmente superadas no decorrer do desenvolvimento, mas se conservam potencialmente disponíveis e passíveis de ser revividas sempre que o indivíduo se vir diante de determinadas situações críticas, como perdas, frustrações e as exigências da vida no tratamento psicanalítico.

Voltando especificamente à natureza do desenvolvimento da libido, foi no seu ensaio “A Disposição à

Neurose Obsessiva”, de 1913, que Freud delineou a fase sádico-anal da organização pré-genital, em decorrência das observações de pacientes neuróticos obsessivos. Ele ressalta o extraordinário papel desempenhado pelos impulsos de ódio e erotismo anal nesses pacientes. Para ilustrar o tema, Freud apresenta um exemplo clínico um tanto vago e bastante incomum. Trata-se de uma paciente que, após experiências traumáticas, começou a desenvolver uma histeria de angústia, mas certo dia, de uma hora para a outra, desenvolveu uma neurose obsessiva que substituiu a histeria. A nova neurose foi uma reação a um novo problema na sua vida sexual presente

Freud conta que a paciente

[...] fora uma esposa feliz e quase inteiramente satisfeita. Ela queria ter filhos, por motivos fundados numa fixação infantil dos seus desejos, e se sentia doente [com ataques de angústia] quando soube que era impossível tê-los com seu marido, que era seu único amor [...]. O marido entendeu, sem nenhuma admissão ou explicação da parte dela, a causa da angústia da sua mulher. Sentiu-se ma-

goadado, sem demonstrá-lo, e por sua vez reagiu neuroticamente ao não conseguir – pela primeira vez – ter relações sexuais com ela. Imediatamente depois ele partiu em viagem. A mulher acreditava que ele se tornara impotente para sempre e manifestou os primeiros sintomas obsessivos no dia do esperado retorno dele.³⁵

Seus sintomas obsessivos incluíam uma higiene meticulosa e medidas preventivas contra ferimentos graves que, achava ela, os outros temiam que ela provocasse – que Freud sugeriu serem formações de reação contra seus próprios impulsos erótico-anais e sádicos. Ou seja, a necessidade de limpeza era uma reação aos impulsos anais, e o medo de retaliação, uma reação aos próprios impulsos sádicos.

Como Freud descreve:

Sua necessidade sexual era obrigada a encontrar expressão nessas formas depois que a sua vida genital perdeu toda a importância, em razão de impotência do único homem de que ela nunca duvidara.³⁶

fantasia, um trocadilho etc. o ocupavam intensamente por um tempo bastante prolongado, enquanto a sua condição física absorvia o seu interesse mais do qualquer outra coisa. Suas sensações genitais e anais tinham a maior importância para ele. Além disso, ele tinha o vício de masturbação anal e também genital. Durante a puberdade, ele obtinha prazer brincando com fezes e mais tarde se ocupou com as suas excreções físicas. Por exemplo, sentia prazer em comer o próprio esperma.

No entanto, o que mais interessava o paciente eram suas preocupações orais. Ele acordava de sonhos excitantes com o que denominava de “poluções orais” – saliva que lhe pingava da boca. Preocupava-se com a adoração por leite, sugar líquidos e a própria língua. Ele costumava acordar à noite com desejos sexuais intensos, que com frequência eram atenuados quando bebia leite. Ele achava que a sua ânsia de sugar leite fosse sua necessidade mais profunda e primitiva, diante da qual a masturbação genital, embora prazerosa, era secundária (Abraham, 1916)³⁶.

Abraham descreve ainda que o paciente tinha “idéias canibalescas”, como ele próprio as denominava, as quais haviam começado na primeira infância quando ele associou o amor por alguém à ingestão de algo gostoso. Parecia-lhe que ele queria um substituto para a carne humana – ao contrário de Hannibal Lecter, que realmente queria carne de verdade –, e suas associações acarretaram a fantasia de morder o seio. Abraham acrescenta que o período em que ele foi amamentado no seio teve muitos acontecimentos importantes, com mudanças constantes de amas e o prolongamento da amamentação:

*Esses acontecimentos tinham de provocar um efeito numa criança em cuja constituição sexual a zona da boca era tão fortemente acentuada. Eles devem ter facilitado a fixação da libido numa fase mais inicial ou a sua regressão a essa fase.*³⁹

Assim, as características desse caso – a importância predominante da zona oral, a ligação ínti-

ma entre as funções sexual e alimentar e a forte presença de desejos de incorporação do amor objeto – podem ser consideradas as mesmas características que Freud atribuiu às primeiras fases do desenvolvimento libidinal na infância. Ao mesmo tempo que sem dúvida esse paciente é bastante anormal, a natureza extrema dos seus sintomas leva à compreensão de fenômenos que vemos em outras pessoas de forma menos acentuada ou mais disfarçada – por exemplo, na paciente a que me referi que estava na etapa final da sua análise e trouxera questões de oralidade, assim como em outras áreas.

Abraham também discorre sobre a presença de fixações orais em pacientes mais neuróticos, como aqueles preocupados com o ato de comer e com a comida, os que persistem em chupar o dedão e pacientes nos quais o hábito da sucção pode tornar-se anormalmente dominante. É óbvio que se poderia acrescentar os fumantes a essa lista, inclusive, claro, o próprio Freud, que era um fumante inveterado de charutos.

Em suma, Abraham apresenta um ensaio clínico vivo que ilustra, por meio do uso de exemplos clínicos notáveis, a existência da fase oral no desenvolvimento da libido e, em particular, a existência de uma fase canibalesca anterior nesse desenvolvimento.

O ensaio de Freud de 1911 sobre paranóia – a sua explanação do caso Schreber – e as próprias memórias do juiz Schreber acerca da sua doença psicótica também constituem exemplos de como a teoria da libido pode ajudar a explicar sintomas em adultos. Por exemplo, Schreber afirma que se sentia ligado a Deus por meio de raios divinos. Freud defende a tese de que esses raios podem ser entendidos como representação concreta e projeção para fora de ligações libidinais. No início da sua doença, Schreber passou cerca de dois anos em estado catatônico, no qual o mundo, para ele, havia “desaparecido” catastroficamente. Em seguida veio a reconexão gradual e delirante como o mundo como uma “relibidinização”⁴⁰.

⁴⁰ Conheça mais sobre o caso Schreber no livro *Paranóia*, de David Bell, nesta mesma coleção. (N. do E.)

O caso Schreber é também importante para a teoria das psicoses de Lacan. Entre outras coisas, ele se concentra no fato de que os raios de Schreber têm uma lei que eles precisam exprimir, enquanto a maior parte do seu conteúdo delirante refere-se a questões de linguagem, como a existência em Deus de uma “linguagem básica”, além da importância de vários nomes. Para Lacan, o caso Schreber prova que a libido não deve ser concebida simplesmente como uma espécie de energia amorfa e desestruturada, mas que ela é articulada de certa maneira por meio da estrutura da linguagem. Daí qualquer teoria da libido ter de levar em conta a natureza do indivíduo humano. O próprio Lacan, em seus ensaios sobre a psicose, apresenta um quadro bastante complexo da distorção da estrutura do indivíduo pela psicose, com diversas alterações nas relações com a realidade e na estrutura da linguagem (Lacan, 1966)⁴¹.

Essas questões variadas relativas à natureza da psicose nos leva à complexa revisão realizada por Freud na sua teoria da libido inicial, com a introdução plena do conceito de narcisismo em 1914.

NARCISISMO E LIBIDO/O EU E O AMOR

Antes do ensaio sobre o narcisismo, Freud dividia as pulsões em dois tipos básicos – pulsões do ego e pulsões sexuais. As pulsões do ego eram os impulsos de autopreservação, como a fome, ao passo que as pulsões sexuais designavam os impulsos sexuais. Todas as ocorrências mentais eram entendidas segundo uma interação dinâmica desses duas espécies de pulsão. Assim, os sintomas neuróticos resultavam de impulsos sexuais reprimidos pelo ego do indivíduo, cuja função era proteger a mente de excessivo sofrimento psíquico; resultavam do conflito entre a função de autopreservação do ego e as pulsões sexuais que pressionavam para se expressar.

A distinção entre os impulsos de autopreservação e aqueles referentes à sexualidade podem ser notados já no bebê que suga um seio. Essa sucção é antes de tudo associada à satisfação da necessidade de alimento. Mas os lábios da criança também se comportam como uma zona erógena, em que a passagem do leite morno provoca sensações prazerosas, o protótipo da satisfação sexual. Freud des-

creve como a atividade sexual liga-se desse modo no início a funções que atendem ao propósito de autopreservação e não se torna independente senão bem mais tarde.

*Ninguém que já tenha visto um bebê recostar-se saciado do seio e adormecer com as bochechas coradas e um sorriso feliz consegue evitar a reflexão de que esse quadro persiste como protótipo da satisfação sexual na vida futura.*⁴² (Freud, 1905)

Se a alimentação requer um objeto, o seio, para satisfazer a fome, os sentimentos sexuais são satisfeitos por uma parte do corpo do próprio indivíduo, como a boca; ou seja, os sentimentos sexuais nessa etapa são auto-eróticos. A necessidade de reiterar a satisfação sexual desliga-se da necessidade de alimento, de modo que a sexualidade, a princípio “apoiada” nas funções de autopreservação, torna-se independente delas numa etapa posterior. Portanto, a sexualidade provém do funcionamento do corpo, mas depois se desliga das suas origens corporais.

Aceitemos ou não a teoria freudiana das pulsões e suas origens, a questão é que a teoria é feita para dar uma dualidade básica ao funcionamento psíquico. Sem essa dualidade seria difícil explicar o conflito mental. As pulsões do ego, fundadas na autopreservação, devem ser entendidas mais como fundadas na realidade – na necessidade e na capacidade de obter comida e suprlimentos e para evitar a dor. Por outro lado, as pulsões sexuais encontram-se mais no domínio do princípio do prazer – são menos suscetíveis à realidade, mais voltadas para a busca de satisfação. A libido permanece no domínio do princípio do prazer por tanto tempo por causa da sua capacidade de evitar a frustração por meio do autoerotismo; a satisfação pode ser prolongada, na fantasia, por intermédio da repetição da atividade auto-erótica, a princípio pela sucção e mais tarde pela masturbação.

Freud descreve então o grande avanço ocorrido na compreensão da natureza da psique com as observações da análise de transtornos psicóticos e a introdução do termo “narcisismo” e, com ele, a definição de uma dualidade nova e complexa – entre a libido do ego e a libido do objeto.

A análise de transtornos psicóticos revelou que o ego não era por si só uma instância de repressão e fuga da dor, mas que a libido também estava ligada a ele. Desse modo, como pudemos ver pelo paciente esquizofrênico mencionado acima – que retirara a libido dos seus objetos, de outras pessoas e era quase exclusivamente preocupado consigo mesmo –, é possível a transferência patológica num indivíduo de praticamente toda a libido, que nas pessoas normais volta-se para fora, na direção do mundo e dos outros. Ou seja, a libido pode estar ligada ou “investida” de várias maneiras, seja no eu, seja nos outros.

A libido que foi retirada do mundo externo e dirigida para o ego dá lugar à atitude do narcisismo, ou “amor por si mesmo”, na linguagem comum. Assim, os impulsos de autopreservação são, como as pulsões sexuais, de natureza libidinal; são impulsos sexuais que, em vez de objetos externos, tomam como objeto o próprio ego do indivíduo. Essa libido das pulsões de autopreservação é agora denominada de “libido narcísica”. No entanto, normalmente o ego também conserva certa quantidade de impulsos

de pura autopreservação que não estão ligados às pulsões sexuais; não fosse isso, a fome, por exemplo, seria sempre sexualizada.

Pode-se comprovar pelas anoréxicas que existe uma verdadeira confusão entre alimento e sexualidade. Por exemplo, ao não comer, em certo sentido elas não desejam amadurecer sexualmente; a menstruação é suspensa e ocasionalmente, em casos graves, elas podem até atrasar a maturação sexual no início da adolescência. É uma questão real e atual a de que a indústria da moda parece obcecada com a imagem da magreza, fazendo uma pressão considerável sobre as adolescentes para que fiquem magras com dietas exageradas.

Por isso se vê que a patologia individual e o ambiente social estão em constante interação. Não se sabe ao certo quanto da existência da anorexia se pode atribuir às expectativas sociais da aparência do corpo feminino e em que medida seria ainda um problema sem a pressão da publicidade.

Com relação à origem do narcisismo, Freud acrescenta que a megalomania do paciente nar-

cisista não é em si uma criação nova: é uma ampliação de uma situação que existiu no começo da vida, quando a criança pequena estava numa fase em que superestimou o poder dos seus desejos e achou que eles fossem o centro do universo. Ou seja, Freud postula uma etapa de narcisismo “primário”, quando o auto-erotismo está no auge. Assim, o narcisismo resultante da retirada da libido dos objetos para o ego é um narcisismo secundário imposto a um primário.

Vemos agora que existia uma quantidade original de libido ligada ao ego, que o ego é um grande “reservatório” de libido, parte da qual volta-se mais tarde para objetos, formando a libido objetal. Freud retrata a relação da libido narcísica com a libido objetal por meio de uma analogia tirada da zoologia:

Pense nos organismos vivos mais simples [as amebas], que consistem em um glóbulo pouco diferenciado de substância protoplásmica. Eles projetam protruções, conhecidas como pseudópodes, para as quais eles fazem fluir a substância do seu corpo. Eles são capazes, no entanto, de

recolher as protruções e tomar a forma de novo de um glóbulo. Comparamos o lançamento dessas protruções, então, com a emissão de libido para objetos, ao mesmo tempo que a massa principal da libido se mantém no ego; e supomos que, em circunstâncias normais, a libido do ego possa transformar-se sem impedimentos em libido do objeto e que essa possa uma vez mais ser trazida de volta para o ego.⁴³

Portanto, em vez de um conflito entre as pulsões do ego e as pulsões sexuais, temos agora um conflito entre a libido do ego e a libido do objeto, com um vaivém constante entre ambas. Com essa nova dualidade, Freud explica tanto os estados anormais – como visto na psicose, com uma retirada radical da libido dos objetos, e na hipocondria, em que a libido se vincula ao corpo ou a uma parte do corpo do indivíduo – quanto alguns dos estados normais, como adormecer, quando o indivíduo se afasta do mundo, retirando a libido dos objetos e trazendo-a de volta para o ego. Amar consiste num transbordamento intenso da libido do ego para o objeto ama-

do. Na verdade, a megalomania dos psicóticos é, nas palavras de Freud:

[...] de todo modo comparável à conhecida supervalorização sexual do objeto na vida erótica [normal]. Dessa maneira, aprendemos pela primeira vez a compreender um traço numa doença psicótica relacionando-o com a vida erótica normal.⁴⁴

Se Freud postulou um estado de narcisismo primário, em que a libido da criança pequena está virtualmente desligada dos objetos, pensadores subseqüentes enfatizaram ser impossível ver a criança desligada de um objeto; que a criança tem sempre uma relação em certa medida. Só se poderia conceber a possibilidade de um narcisismo primário dentro do útero, e mesmo aí existe a possibilidade de consciência da presença da mãe – pelo menos pela presença ruidosa dos batimentos cardíacos da mãe.

Por isso Donald Winnicott ressalta que é impossível pensar numa criança pequena sem lembrar da

mãe; que é mais acurado retratar o duo mãe–bebê como primário do que o próprio bebê desligado de um objeto.⁴⁵ Desde então, os analistas em maioria também acrescentaram a idéia de uma relação entre o indivíduo e o outro com qualquer ponderação de desenvolvimento sexual – algo que se encontra em Freud e Abraham mas não foi muito desenvolvido por outros teóricos.

O INDIVÍDUO HUMANO E AS PULSÕES: O CAMINHO DA TRANSFORMAÇÃO

Vimos nos *Três Ensaios* que, para Freud, o indivíduo pode organizar gradativamente as pulsões por meio do desenvolvimento. O que se propõe nesta seção final é uma maneira de entender mais o indivíduo como um “indivíduo libidinal”, ou como organizador das pulsões.

Freud afirma que as pulsões na infância não são unificadas, mas consistem em alguns componentes diferentes, ou “pulsões” parciais, cada qual com uma ligação libidinal especial com uma zona erógena – uma parte do corpo que provoca uma forma de ex-

citação sexual. Usando evidências, por exemplo, de perversões em que as pulsões parciais se desfazem, Freud afirma que usualmente a pulsão sexual se forma de várias pulsões parciais, no que ele chama de “organização sólida”. Isso ocorre apenas na puberdade, quando a primazia dos genitais enfim começa a se firmar e ocorre a maturidade sexual, a capacidade de engravidar. As zonas erógenas então se adaptam à nova disposição, em que predomina a zona genital. A nova organização é resultado da combinação das pulsões parciais numa unidade pelo adolescente.

A teoria das pulsões de Freud aponta, assim, o caminho no qual o indivíduo na adolescência pode tornar-se organizado, ou desorganizado, se as coisas não correrem bem. Como ressaltaram Laufer e Laufer (1984), a unidade da imagem do corpo madura nessa etapa tem um papel crucial na criação da organização sexual final.⁴⁶ O que geralmente ocorre é a fusão do antigo e do novo, uma conciliação com a perda do corpo imaturo de antes e um aceitação do investimento libidinal da nova imagem do corpo em maturação. No entanto, pode ocorrer uma ruptura no

processo de assimilação no indivíduo da imagem do corpo maduro, com uma fragmentação concomitante da mente e o surgimento de vários sintomas, inclusive tendência para o suicídio, anorexia e crise psicótica manifesta, como destacado anteriormente no caso de Simon.

Enquanto a assimilação da imagem corporal é importante na sintetização das pulsões parciais, Freud, no seu ensaio “Os Instintos e Suas Vicissitudes”, revela outras formas de relação do indivíduo com os outros e mostra como o indivíduo é transformado de vários modos pela pulsão. Ele parece descrever uma relação complexa entre o indivíduo e as pulsões, na qual aquele aparece e desaparece em vários pontos de uma complicada rota ou circuito da pulsão. Embora o objetivo máximo de cada pulsão seja buscar satisfação, pode haver caminhos diferentes para o mesmo objetivo, e objetivos diversos podem ser combinados e permutados entre si, refletindo mais uma vez a fluidez da libido.

Para correlacionar algumas dessas rotas no que diz respeito às pulsões sexuais, Freud examina em deta-

lhe perversões como o sadomasoquismo. Ele descreve como a pulsão sexual, sentida como gozo sexual, traça a sua trajetória pelas relações entre dois indivíduos, como o sádico e o masoquista. A posição que cada um dos indivíduos assume em relação ao outro – a do sádico diante do masoquista e vice-versa – vai direcionar a pulsão e transformá-la de várias maneiras. O gozo sexual é diferente quando se assume a posição do sádico, contraposta à do masoquista, embora a sobreposição também ocorra.

Tais situações revelam a presença do que poderíamos chamar de “caminho transformacional” entre os indivíduos.⁴⁷ O indivíduo aparece e desaparece em vários pontos de um complexo circuito da pulsão; a pulsão pode transformar o indivíduo e este pode transformar a pulsão. Assim, vemos que a libido como “força motriz” por trás da pulsão pode ter um lugar na teoria psicanalítica atual, mas como um elemento de uma trajetória que leva adiante e para trás de um indivíduo essencialmente libidinal.

O filósofo Herbert Marcuse incrementa a teoria freudiana da libido com um toque do seu mar-

xismo para criticar o fato de a civilização moderna ter-se tornado tão repressiva.⁴⁸ Freud afirmou que a civilização exigia a repressão das pulsões sexuais para que os seres humanos trabalhassem com eficiência. Marcuse argumentou que isso pode ter sido necessário enquanto os produtos básicos eram escassos, mas se tornou desnecessário quando a tecnologia moderna passou a satisfazer as nossas necessidades sem repressão. O trabalho desagradável poderia ser bastante reduzido, de modo que não precisávamos mais conter a sexualidade. Na sua visão revolucionária de uma nova sociedade, a libido está liberada, não precisando mais amoldar-se às exigências exageradas de uma civilização repressiva. Em lugar dela, teríamos uma civilização “libidinosa”, que dissolveria as instituições repressivas, daria mais tempo para o prazer e a recreação e acabaria com o isolamento da classe trabalhadora.

Embora Marcuse não diga claramente como uma sociedade dessas seria mantida, sua visão de uma nova relação com a sexualidade foi muito influen-

te, um dos princípios norteadores dos movimentos estudantis dos anos 1960. Ainda que essa visão possa ser considerada incorrigivelmente utópica na nossa cultura “de mercado” materialista, talvez precisemos dar mais espaço à idéia de libido. Sem ela, corremos o risco de perder a subjetividade na busca de ganhos materiais.

NOTAS

1. Freud, Sigmund, *Three Essays on the Theory of Sexuality* (1905), in *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Londres: Hogarth Press, 1953-1973 (doravante, SE), vol. VII, p. 217. [Edição brasileira: *Três Ensaaios sobre a Teoria da Sexualidade*, in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (doravante, ES), vol. VII, Rio de Janeiro: Imago, 1986, 2.^a edição.]
2. Jacques Lacan (1901-1981) foi um psicanalista francês influente e polêmico. Seu objetivo principal foi dar nova vida à psicanálise por meio de uma reinterpretação radical do pensamento de Freud e do diálogo da psicanálise com o pensamento contemporâneo. Embora tenha formado uma escola própria de psicanálise, ele teve considerável influência nos analistas da França e de outros países. Veja uma introdução ao pensamento de Lacan em Benvenuto, B. e Kennedy, R., *The Works of Jacques Lacan* (Londres: Free Association Books, 1986).
3. Lacan, J., *The Seminar of Jacques Lacan*, vol. 2, org. J.-A. Miller, trad. S. Tomaselli, Cambridge: Cambridge University Press, 1978, pp. 221-2. [Edição brasileira: *O Seminário*, livro 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.]
4. Freud, S., “Wild Psychoanalysis” (1910), in SE, vol. XI, p. 223. [“Psicanálise Selvagem”, in ES, vol. XI.]
5. Freud, S., “Instincts and their Vicissitudes” (1915), in SE, vol. XIV, p. 117 [“Os Instintos e Suas Vicissitudes”, in ES, vol. XIV]. Embora a palavra alemã *Triebe* seja traduzida no título oficial por “Instintos”, a tradução mais precisa é “Pulsões”.
6. Freud, S., “Group Psychology and the Analysis of the Ego” (1921), in SE, vol. XVIII, p. 90. [“Psicologia de Grupo e a Análise do Ego”, in ES, vol. XVIII.]
7. Sophocles, *Women of Trachis*, trad. E. Watling, Harmondsworth: Penguin, 1953, p. 136.
8. Sophocles, *Antigone*, trad. E. Watling, Harmondsworth: Penguin, 1947, p. 148. [Edições brasileiras: Sófocles, *Antígona*, trad. Do-

- mingos Paschoal Cegalla, Rio de Janeiro: Difel, 2001; *Antígona*, trad. Donald Schüller, Porto Alegre: L&PM, 2002.]
9. Laplanche, Jean; Pontalis, Jean-Baptiste, *The Language of Psychoanalysis*, trad. D. Nicholson-Smith, Londres: Hogarth Press, 1967, p. 277.
 10. Kohon, Gregorio, *The British School of Psychoanalysis: The Independent Tradition*, Londres: Free Association Books, 1986, p. 20.
 11. Green, André, "Has Sexuality Anything to Do with Psychoanalysis?", *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 76, parte 5, 1995, pp. 871-83.
 12. Lacan, J., *The Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis*, Harmondsworth: Penguin Books, 1973, p. 153.
 13. Mollon, Phil, *The Unconscious, Ideas in Psychoanalysis*, Cambridge: Icon Books, 2000, pp. 62-4. [Edição brasileira: *O Inconsciente*, col. Idéias da Psicanálise, ed. e trad. de Carlos Mendes Rosa, São Paulo/Rio de Janeiro: Ediouro/Segmento-Duetto Editorial/Relume Dumará, 2005.]
 14. Kohon, G., *op. cit.*, e Kohon, G., *No Lost Certainties to Be Found*, Londres: Karnac Books, 1999.
 15. Freud, S., *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess*, trad. e ed. Jeffrey Masson, Londres e Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985, p. 80. [Edição brasileira: *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904*, ed. Jeffrey Masson, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986.]
 16. *Ibid.*, p. 80.
 17. *Ibid.*, pp. 80-1.
 18. Freud, S. (1905), *op. cit.*, p. 133.
 19. *Ibid.*, p. 170.
 20. Freud, S., "Introductory Lectures on Psychoanalysis" (1916-1917), in *SE*, vol. XVI, p. 348. ["Conferências Introdutórias sobre Psicanálise", in *ES*, vol. XVI.]
 21. Freud, S., "Types of Onset of Neurosis" (1912), in *SE*, vol. XII, p. 231. ["Tipos de Desencadeamento da Neurose", in *ES*, vol. XII.]
 22. *Ibid.*, p. 232.
 23. *Ibid.*, pp. 233-4.
 24. *Ibid.*, p. 236.
 25. *Ibid.*, p. 236.
 26. Freud, S. (1905), *op. cit.*, p. 186.
 27. Proust, M., *Time Regained* (1927), trad. A. Meyer, Londres: Chatto and Windus, 1972, p. 267. [Edição brasileira: *Em Busca do Tempo Perdido* (3 vols.), Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.]
 28. Freud, S. (1985), *op. cit.*, p. 207.
 29. Freud, S., "Screen Memories" (1899), in *SE*, vol. III, p. 322. ["Memórias Encobridoras", in *ES*, vol. III.]
 30. Freud, S., "From the History of an Infantile Neurosis" (1918), in *SE*, vol. XVII, p. 45n. [Edições brasileiras: "História de uma Neurose Infantil", in *ES*, vol. XVII; *História de uma Neurose Infantil*, Rio de Janeiro: Imago, 1999.]
 31. Freud, S. (1905), *op. cit.*, p. 234.
 32. Lacan, J., *Écrits* (1966), trad. A. Sheridan, Londres: Tavistock, 1977, p. 52. [Edição brasileira: *Escritos*, São Paulo: Perspectiva, 1996.]
 33. *Ibid.*, pp. 52-3.
 34. Veja Klein, Melanie, "Notes on Some Schizoid Mechanisms" (1946), in Klein, M., *Envy and Gratitude and Other Works, 1946-63*, Londres: Hogarth Press, 1980. [Edição brasileira: *Inveja e Gratidão*, Rio de Janeiro: Imago, 1991.]
 35. Freud, S., "The Disposition to Obsessional Neurosis" (1913), in *SE*, vol. XII, p. 320. ["A Disposição à Neurose Obsessiva", in *ES*, vol. XII.]
 36. *Ibid.*, p. 320.
 37. *Ibid.*, pp. 321-2.
 38. Abraham, K., "The First Preenatal Stage of the Libido" (1916), *Selected Papers of Karl Abraham*, trad. D. Bryan e A. Strachey, Londres: Hogarth Press, 1927, pp. 254-5.
 39. *Ibid.*, p. 257.

40. Freud, S., "Psychoanalytical Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia" (1912), *SE*, vol. XII, p. 70. ["Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia", in *ES*, vol. XII.]
41. Lacan, J. (1966), *op. cit.*, p. 199ss.
42. Freud, S. (1905). *op. cit.*, p. 182.
43. Freud, S. (1916-17), *op. cit.*, p. 416.
44. *Ibid.*, p. 415.
45. Veja, por exemplo, Winnicott, Donald, *The Maturational Processes and the Facilitating Environment*, Londres: Hogarth Press, 1968. [Edição brasileira: *O Ambiente e os Processos de Maturação*, Porto Alegre: Artmed, 1983.]
46. Laufer, Moses; Laufer, E., *Adolescence and Developmental Breakdown*, New Haven e Londres: Yale University Press, 1984.
47. Veja Kennedy, Roger, *The Elusive Human Subject*, Londres: Free Association Books, 1998, pp. 84-90.
48. Marcuse, Herbert, *Eros and Civilization*, Londres: Allen Lane, 1955, p. 161ss. [Edição brasileira: *Eros e Civilização – Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*, trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: LTC, 1981, 8.^a ed.]